

DISPUTAS SIMBÓLICAS IMPRESSAS NA PAISAGEM URBANA DE CAMPOS DOS GOYTACAZES: ANÁLISE A PARTIR DAS POLIFONIAS

Arthur Nogueira Rangel¹
Elis de Araújo Miranda²

RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise das formas de apropriação e utilização do espaço urbano da cidade de Campos dos Goytacazes-RJ, a partir da ótica do processo de polifonia urbana. Esse processo, em uma primeira aproximação se configura como as vozes dissonantes de diferentes agentes sociais que a partir das suas simbologias buscam ocupar um espaço na paisagem urbana das cidades. Nesse contexto, a busca incessante pelo espaço comunicativo no meio urbano, acaba desencadeando um conflito pelo espaço informacional, onde cada grupo social, sejam eles artistas, grupos religiosos, agentes publicitários ou agentes públicos, buscam fixar sua marca na paisagem, a fim de se transmitir sua ideologia e suas representações. Na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ, os principais agentes sociais que disputam a paisagem urbana são os *slogans* políticos, cartazes publicitários, propagandas, pichações e *graffitis*. Nesse cenário, a busca pela visibilidade faz com que a paisagem se transforme em um elemento fundamental para a existência desses grupos, portando-se como condicionante e condicionadora das ações dos sujeitos.

Palavras-chave: Polifonia Urbana, Paisagem e Símbolos

¹ Geógrafo. Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense de Campos.

² Geógrafa. Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas da Universidade Federal Fluminense.

Introdução

O presente trabalho ressalta a configuração espacial das expressões urbanas na cidade de Campos dos Goytacazes, demonstrando suas intencionalidades e sua disputa na busca pela visibilidade de sujeitos que são invisibilizados pela sociedade: os artistas de rua. Identificamos as disputas simbólicas impressas na paisagem da área central da cidade e apresentamos, o que a literatura denomina de polifonias urbanas, quando diferentes grupos sociais buscam de expressar por meio de desenhos ou colagens artísticas e estas são sobrepostas por outros artistas, por grupos religiosos, por agentes publicitários ou por agentes públicos que interferem apagando todas as mensagens pois enxergam esses movimentos como formas de “sujar a cidade”, impondo o seu senso estético higienista e calam as vozes que não possuem outros meios de expressão.

Traçamos um perfil dos principais grafiteiros atuantes na cidade de Campos dos Goytacazes, apresentando suas variações de estilos, o lugar de atuação e a formação social de cada grafiteiro. Assim, este trabalho destina-se a realizar uma análise em cada ação dos grafiteiros, compreendendo seu comportamento e sua ação nos rolês, nos mutirões e nos festivais, mostrando a forma de atuação e a opção ideológica envolvida em cada categoria de evento. Nessa perspectiva, o texto apresenta uma sessão especial para o graffiti das mulheres, mostrando a relação dessa arte com o feminismo, assim como o preconceito sofrido por elas partindo dos próprios grafiteiros inseridos no movimento.

É de fundamental importância destacar que a temática da presença da mulher inserida no movimento do graffiti na cidade de Campos dos Goytacazes não se esgotará neste texto, pois o debate acerca do tema é de vasta amplitude e precisaria de uma dedicação mais minuciosa, com um maior comprometimento e profundidade. No entanto, será debatido de forma consistente, possibilitando a exposição da real situação de resistência vivenciada pelas mulheres no próprio movimento.

A configuração espacial das expressões urbanas na cidade de Campos dos Goytacazes

Antes mesmo que se inicie um processo de observação a partir dos graffitis impressos na paisagem de Campos dos Goytacazes, é preciso que se compreenda a forma pela qual essas expressões se configuram no espaço e seu ordenamento territorial frente a outras expressões urbanas como o pixo, o estêncil, as propagandas, as referências religiosas ou os slogans. Para que seja possível tal compreensão nesse primeiro momento, foi necessário dialogar com o campo da sociologia a partir do sociólogo alemão Georg Simmel para ampliar a discussão

sobre o conceito de paisagem, e do sociólogo colombiano Armando Silva, que trabalha com o conceito de polifonia urbana, ambos fundamentais para a análise das impressões urbanas e o reconhecimento dessas vozes.

O conceito de paisagem desenvolvido por Simmel é elemento fundamental para o processo de compreensão da configuração espacial das expressões e impressões urbanas, pois na perspectiva de Simmel (2009), a paisagem se contempla a partir do olhar humano individualizado e suas ações que tomam como base uma natureza material para transformá-la em arte³. Desse modo, George Simmel (2009, p. 11) destaca que a paisagem enquanto uma arte evidencia-se a partir das ações humanas, pois *“Só neste meio mais amplo se justifica a nossa interpretação da paisagem a partir de derradeiros fundamentos configuradores da nossa imagem de mundo. Quando realmente vemos uma paisagem é já não uma soma de objetos naturais, temos uma obra de arte in statu nascendi”*.

Não somente em virtude do trabalho com as expressões humanas constituintes da paisagem enquanto arte, Simmel (2009) também destaca a demarcação espacial da arte como essencial à paisagem, assim como nesse primeiro momento a demarcação espacial é fundamental para a análise da dinâmica organizacional das expressões urbanas na cidade Campos dos Goytacazes.

Mas, para a paisagem, é justamente essencial a demarcação, o ser-abarcada num horizonte momentâneo ou duradouro; a sua base material ou os seus fragmentos singulares podem, sem mais, surgir como natureza – mas apresentada como “paisagem”, exige um ser-para-si talvez óptico, talvez estético, talvez impressionista, uma esquivar-se singular e característico a essa unidade impartível da natureza, em que cada porção só pode ser um ponto de passagem para as forças totais da existência. Ver como paisagem uma parcela de chão com o que ela comporta significa então, por seu turno, considerar um excerto da natureza como unidade – o que se afasta inteiramente do conceito de natureza. (SIMMEL, 2009, p. 6).

Dessa forma, a essência da demarcação ligada a paisagem é um fator fundamental que possibilita o entendimento da organização das expressões urbanas a luz do conceito da polifonia urbana, o qual Armando Silva trata como sendo várias vozes dissonantes que buscam seu espaço nos anseios urbanos (SILVA, 2011). Dessa forma, ao mesmo tempo em que os elementos formadores da paisagem urbana batalham entre si em busca do espaço

³ Georg Simmel em seu livro “A Filosofia da Paisagem” chama atenção para a expressão “arte” pois ela não se remeterá a estética da paisagem, mas sim a própria ação humana (olhares, pensamentos, ações sobre a base material) que fragmentará a natureza a partir de individualidades e não a tratará como uma parte do todo, ou seja, a própria ação humana que proporcione uma representação ou uma significação é contemplada como arte.

comunicativo, todo esse conjunto de símbolos, acabam dialogando com a sociedade. Pois, “se alguém vê um aviso, se deduz o seu sentido ou responde com atos reais a uma motivação urbana, em todos os casos fala com a cidade” (SILVA,2011, p. 77).

A cidade de Campos dos Goytacazes, devido suas dimensões territoriais e influências econômicas, tem sido palco de um intenso processo da polifonia urbana, em virtude da incessante busca de visibilidade em sua área central. Dessa forma, assim como ocorre nas áreas centrais das cidades capitalistas, o centro urbano de Campos dos Goytacazes possibilita a obtenção de uma alta visibilidade em função do intenso fluxo de pessoas cotidianamente.

Nesse sentido, Tartaglia (2014) destaca a busca comunicacional como parte dos elementos formadores da polifonia urbana e sociedade, onde ele aponta que:

Em razão desse fluxo, a paisagem urbana torna-se um importante recurso de comunicação, decorrente da sua ampla visibilidade para empresas, instituições, o comércio e os serviços em geral, além dos segmentos sociais populares. A polifonia passa a existir na medida em que o uso da paisagem por diferentes sujeitos esteja pautado por interesses distintos, ou mesmo antagônicos, imprimindo uma espécie de disputa pela visibilidade (e o poder de influência) de suas imagens (TARTAGLIA, 2014, p. 106).

Apesar da polifonia urbana apresentar a sobreposição de imagens, cada elemento busca demarcar a paisagem seguindo, na maioria das vezes, uma lógica de organização e ordenamento espacial na paisagem urbana, onde os símbolos e as inscrições seguem uma ordem de execução. Vale ressaltar que essa ordem nem sempre ocorre da mesma maneira em todos os lugares, pois essa dinâmica está ligada principalmente ao lugar e aos agentes envolvidos e suas intencionalidades.

Conforme apontado na esquematização abaixo, a polifonia atua sobre o tecido urbano da cidade de Campos dos Goytacazes de forma que a paisagem se apresente como um forte mecanismo de comunicação e reprodução das ações humanas na sociedade. Nesse contexto, a cidade surge como suporte, na qual os atores com interesses distintos, deixam as suas marcas. Essas vozes dissonantes, ao usarem a paisagem para gravar os seus códigos, signos e suas ideologias, acabam gerando a polifonia urbana (op. cit).

Lógica da organização e do ordenamento dos elementos na paisagem urbana



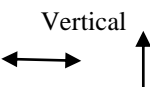
ELEMENTO	SENTIDO OBSERVADO NA PAISAGEM	DIFUSÃO NO ESPAÇO URBANO	PRODUÇÃO (OBJETIVOS)	AUTORIA	CONCEITOS ENVOLVIDOS
Pixação	Horizontal 	Lógica da Repetição	Simbólica (demarcação territorial / vandalismo)	Pichadores	Território e Territorialidade
Graffiti	Horizontal 	Lógica da Difusão Ideológica	Simbólica (lugaridade/ artística)	Grafitheiros	Paisagem e Lugaridades
Slogans Políticos e Propaganda	Horizontal e Vertical 	Lógica da Repetição e do Consumo	Funcional (consumo)	Empresas, Políticos, Comerciantes	Espaço publicitário

Tabela 01: adaptado de Oliveira e Tartaglia (2009).

Na área central de Campos dos Goytacazes, essas representações sociais se dão, principalmente, por três elementos, que possuem temporalidades distintas: o *graffiti* (elemento mais recente constituinte da paisagem), a pichação (elemento antecessor ao *graffiti*) e os cartazes publicitários - que nessa escala de classificação temporal, dos elementos formadores da paisagem urbana de Campos dos Goytacazes, destaca-se por ser a mais antiga (RANGEL, 2015, p.55).

É importante observar na tabela acima que diferentemente da lógica geral estabelecida, na cidade de Campos dos Goytacazes a pichação não segue o seu sentido originário assim como foi nos Estados Unidos e como ocorre nos demais grandes centros urbanos, a qual possui uma verticalidade, principalmente em virtude dos edifícios espalhado em toda cidade. Na cidade de Campos dos Goytacazes a pichação segue um sentido horizontal, o que implica em dizer que os praticantes dessa arte não realizam o principal exercício da pichação, e que é o elemento que proporciona status ao pixador, que é a escalada.

A organização dos graffitis na cidade de Campos dos Goytacazes em seu sentido observado na paisagem segue um sentido horizontal, principalmente em virtude ao se

processo produção que requer mais técnica, detalhes e demanda um maior tempo de elaboração. De contrapartida, os slogans políticos e as propagandas devido sua fácil e ágil produção, seguem sentidos tanto o horizontal como o vertical, o que origina o fenômeno da polifonia urbana pois tanto a pixação, o graffiti e os slogans políticos e as propagandas possuem em comum a mesma orientação de intervenção na paisagem, o sentido horizontal.

Nas fotografias 17 e 18, que seguem abaixo, podemos visualizar o processo de polifonia urbana na área central da referida cidade. As imagens revelam uma disputa pelo espaço comunicativo entre o *graffiti* os cartazes de propagandas e anúncios de shows. Ou seja, são vozes dissonantes com interesses e ideologias distintas, disputando o espaço comunicativo e, nesse processo de disputa, acabam demarcando a paisagem, num jogo de sobreposição.



Fotografia 1: Cartazes publicitários sobrepostos ao graffiti e estes foram retirados devido à luta pela visibilidade.



Fotografia 2: Cartaz publicitário com ofertas de serviços e shows musicais sobrepondo ao graffiti na luta pela visibilidade.

Na fotografia 19 podemos visualizar a polifonia urbana entre os três elementos: *graffiti*, pichação e publicidade. São vozes dissonantes com objetivos e ideologias distintas, se utilizando da paisagem como espaço comunicativo num jogo conflituoso de sobreposição. Segundo Dantas (2000, p. 7), “para ler o hipertexto citadino, o “usuário-leitor” há que ouvir as várias vozes que o compõem. Nesse percurso, o leitor terá que lidar com elementos diversos, que têm uma alta densidade de interconexões”.



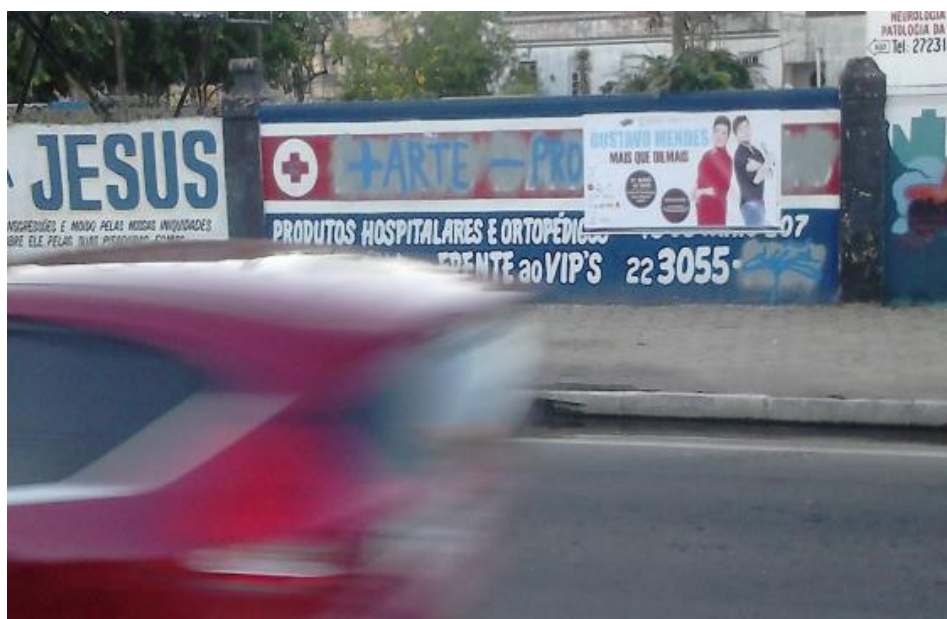
Fotografia 3: Polifonia urbana entre os três elementos (*graffiti*, pichação e publicidade).

De acordo com Marques e Coelho (2015),

Um muro quando erguido não é feito para receber uma intervenção. Possui uma função de separar aquilo que está fora criando uma sensação de segurança. Ao grafar, o pichador profana o espaço, atribui um novo sentido a partir da intervenção e passa a comunicar novas e inusitadas mensagens (MARQUES; COELHO, 2015, p. 80).

A área central de Campos dos Goytacazes, em virtude da sua grande fluidez informacional e de pessoas, acaba tornando-se uma verdadeira vitrine a céu aberto (RANGEL, 2015, p. 58). As informações conflitivas e a busca pela visibilidade fazem com que a paisagem urbana se apresente como o mecanismo mais eficaz e eficiente, no que tange ao processo de divulgação comercial, expressão artística, “afrontas políticas” e interação sociais.

Na fotografia 20, que segue abaixo, o grafiteiro pede mais arte e menos propaganda. E a resposta foi a fixação de um *banner* publicitário sobre o “apelo”, numa sobreposição conflituosa. Nesse caso, compreender a cidade é trabalhar diretamente com a pluralidade de interesse e de ideias (DANTAS, 2000, p 7).



Fotografia 4: Banner publicitário e resposta do grafiteiro em um muro.

Nessa perspectiva, o espaço urbano do referido município apresenta-se como produto das ações sociais, pois é feito pela e para a sociedade. E a paisagem de sua área central tem sido alvo do processo de polifonia urbana, por meio de sobreposições conflituosas em busca de um espaço comunicativo com interesses distintos que acabam demarcando a paisagem.

Se por um lado essas batalhas travadas pelos espaços na cidade de Campos dos Goytacazes representam um conflito de ideologias e agentes, por outro, chama a atenção para o fato dessa nova configuração espacial e essa nova dinâmica de intervenção urbana contemporânea. Se por volta dos anos de 2011 a cidade ainda se mostrava em processo de engatinhamento em relação aos processos de intervenção urbana, hoje a cidade mostra que em um curto espaço tempo (sete anos), possui características de outros grandes centros urbanos metropolitanos.

Nessa perspectiva, dando-se ênfase ao graffiti, é importante destacar que a própria ação dos grafiteiros tem chamado a atenção para o fato da polifonia urbana, pois tem se tornado cada vez mais frequente encontrar ao lado de graffiti, sobretudo espalhados na área central da cidade mensagens que se direcionam aos demais agentes constituintes da intervenção urbana, sendo mais especificamente direcionado aos cartazes propagandísticos. Mensagens como “Não apague os graffiti”; “Não cole cartaz nos graffiti, a arte agradece!” e “Não estrague os graffiti” são as mais encontradas pela cidade.



Fotografia 5: Pedido deixado por grafiteiro ao lado de sua obra.

A fotografia acima evidencia um apelo feito por um grafiteiro para que sua obra não seja coberta por outros agentes interventores da paisagem urbana, principalmente os cartazes, pois estes são os agentes que mais interferem na composição da paisagem urbana de Campos dos Goytacazes. É importante destacar que essa disputa pela demarcação da paisagem entre graffiti e cartazes publicitários ocorre justamente por possuírem objetivos e autorias distintas

(ver tabela 1), pois existem também cartazes que são criados com sua lógica voltada ao lado artístico, no entanto, essa prática é pouco difundida na cidade.

Em entrevista realizada com o grafiteiro Kane KS, o mesmo foi bem direto e incisivo quando questionado em relação a essa disputa pelo espaço na paisagem urbana entre os graffitis e os cartazes publicitários. Segundo ele:

A gente encara como uma guerra. Nós grafiteiros vemos isso como uma afronta a todos nós do movimento, pois quando pintamos um muro escolhemos primeiramente aquele que não contenha nada de ninguém, nem cartaz e nenhum outro tipo de pintura. [...] na verdade o graffiti por si só valoriza o espaço no qual está inserido, sem necessariamente está diretamente vinculado a Lei de legalização do graffiti, pois na verdade buscamos pintar em locais mais degradados e que não tenha muita visibilidade. O que acontece é que o graffiti se alto valoriza, se torna um elemento atrativo e assim então esse lugar passa a ter uma boa visibilidade, o que acaba atraindo também a presença das propagandas. Quando acontece um caso assim a gente logo tapa, enfrenta mesmo e se colarem a gente apaga de novo e vencerá aquele que tiver mais tinta. (ENTREVISTA COM O GRAFITEIRO KANE KS).

Esse processo de polifonia urbana é encarado como uma guerra principalmente com as grandes empresas de marketing e divulgadores, pois o graffiti em sua essência gera sua própria visibilidade e como uma grande parcela de graffitis já estão inseridos em espaços de alta rotatividade de pessoas, esse processo se intensifica ainda mais.

É importante destacar que esse processo de polifonia urbana abrange todos os agentes que atuam na formação da paisagem como o pixo, o graffiti e os cartazes. Essa intensificação ocorre com maior intensidade entre os graffitis e os cartazes, pois em alguns casos as pixações são feitas pelos próprios sujeitos realizadores dos graffitis ou mantêm uma certa proximidade entre eles, o que acaba minimizando os embates entre essas duas expressões. Aliás, essa é uma das grandes vertentes da arte urbana, o mesmo sujeito pode transitar entre a legalidade e a ilegalidade, entre o graffiti e a pixação.

Relacionando uma análise estrutural do espaço físico da cidade de Campos dos Goytacazes com a “guerra” entre esses agentes, podemos perceber que em toda sua área central, a cidade quase não possui muros extensos e altos que possibilite uma maior quantidade de graffitis. Devido sua configuração extremamente comercial, os poucos espaços que surgem viram palco de disputas e aquele melhor lugar, mais amplo e com boa visibilidade em sua grande maioria são ocupados por cartazes publicitários, pois estes pertencem a empresas de grande porte e acabam pagando por esse espaço, como é o caso de divulgação em paredes de prédios ou ambientes privados. Desse modo, por pertencerem a grandes empresas

esses cartazes chegam a preencher fachadas inteiras de prédios, o que evidencia a sua propagação também em sentido vertical, conforme mostrado na tabela 1.

Prosseguindo com as análises em relação as expressões urbanas, no tópico a seguir será destinado a tratar exclusivamente em relação a produção do graffiti na cidade de Campos dos Goytacazes, representando os principais grafiteiros e grafiteiras da cidade, mostrando seus lugares de atuação seus estilos e técnicas de pinturas e também as lugaridades representadas a partir de suas artes.



Considerações Finais

Os estudos elaborados a partir da análise da paisagem urbana da cidade de Campos dos Goytacazes são essenciais para a compreensão da nova organização espacial e a formação de uma nova paisagem urbana, que emerge em meio a fluidez e ao grande fluxo informacional, que faz com que as paisagens se tornem ferramentas comunicativas em disputada por diversos grupos sociais.

Assim, analisar, perceber e sentir a paisagem urbana da cidade de campos dos Goytacazes implica em compreender que as ações dos atores que atuam sobre ela são responsáveis pela sua modificação e formação dessa nova paisagem dotada de significados e com forte carga ideológica. É necessário que se tenha um olhar ampliado sobre toda paisagem urbana, pois a nuance apresentada por ela vem se alterando e reformulando a cada dia, onde as ações dos sujeitos se dão principalmente em busca da visibilidade.

Desse modo, compreender que a paisagem urbana de Campos dos Goytacazes é produto e produtora do fenômeno da polifonia, sobretudo, em virtude do seu potencial polarizador em relação as outras cidades do norte e noroeste fluminense, atuando na geração e produção de mercadoria e serviço, que faz com que esta cidade seja diariamente impactada por de um grande fluxo de pessoas e informações integradas por meio de redes locais, regionais, nacionais e internacionais.

Sendo assim, a disputa pela paisagem urbana, na cidade de Campos dos Goytacazes, é cada vez mais intensa e tende a expor os conflitos e embates dos grupos que dominam e controlam a cidade e aqueles que passam ou que chegam e se instalam, provocando ruídos e desconfortos aos estabelecidos. Os agentes produtores das escritas urbanas, travam batalham com os agentes publicitários, com comerciantes, com políticos e dirigentes de instituições públicas que tratam os espaços públicos como espaços privados. A cidade é, por natureza, o espaço da diversidade e as polifonias expressam essa diversidade que é constantemente ameaçada por aqueles que desejam homogeneizar e higienizar a cidade.

Referências Bibliográficas

BERQUE, Augustin. **Paisagem-marca, paisagem – matriz**: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia** (1). Rio de Janeiro: Eduerj, 2012. p. 239-243;

BORJA, Jordi; MUXÍ, Zaida. **El espacio Público**: ciudad y ciudadanía. Barcelona: Electa, 2003;

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

CORREA, Roberto Lobato. **O urbano e a cultura**: alguns estudos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). Geografia Cultural: uma antologia (2). Rio de Janeiro: Eduerj, 2013. p. 57-69;

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte**: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Geografia Cultural: uma antologia (1). Rio de Janeiro: Eduerj, 2012. p. 221-237;

_____. **Mundos de Significados**: Geografia Cultural e Imaginação. In Geografia Cultural: Um Século (2), org. R.L. Corrêa e Z. Rosendahl. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2000.

DANTAS, Maria Eugênia. **Polifonia**: a linguagem da cidade. Mneme revista de humanidades, Rio Grande do Norte: UFRN, v.1, n. 1, ago./set. de 2000;

KNAUSS, P. **Grafite Urbano Contemporâneo**. In: TORRES, Sônia (org.). Raízes e rumos – perspectivas interdisciplinares em estudos americanos. Ed.7 Letras, p. 334- 353. Rio de Janeiro, RJ. 2001;

LEITÃO, Lucia. **A Cidade de Simmel, a Cidade dos Homens**. In: PECHMAN, Robert Moses. (Org.). A Pretexto de Simmel: cultura e subjetividade na metrópole contemporânea. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014. p. 123-131;

MARQUES, Bruno Strohmeier; COELHO, Ilanil. **Grafias urbanas**: o patrimônio profanado pela pichação. Profanações, Santa Catarina: UNC, n. 1, p. 75-89, jan/jun. de 2015;

MONDARDO, Marcos Leandro; GOETTERT, Jones Dari. **Territórios simbólicos e de resistência na cidade**: grafias da pichação e do grafite. Terra Plural, Ponta Grossa: Editora UEPG, v. 2, n. 2, p. 293-308, jul./dez. 2008;

OLIVEIRA, Denílson Araújo de; TARTAGLIA, Leandro. **Ensaio sobre uma geo-grafia dos graffitis**. GEOgraphia, América do Norte: UFF, v. 11, n. 22, p. 59-88, 2009;

PIRES, Ericson. **Cidade ocupada**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

RANGEL, Arthur Nogueira; LESSA, Ranna Albino. **O graffiti na área central de Campos dos Goytacazes**: tatuagens na epiderme urbana. Élisée, Rev. Geo. UEG, Anápolis, v.5, n.1, p.170-192, jan. /jun. 2016;

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Teorias da Ação**. Rio de Janeiro; Letra Capital, 2014;

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2011;

SIMMEL, G. A natureza sociológica do conflito. In Moraes Filho, Evaristo (org.), Simmel, São Paulo, Ática, 1983.

_____. **A Filosofia da Paisagem.** Covilhã: Luso Sofia: press, 2009.

TARTAGLIA, Leandro R. S. **Geograf(it)ando:** a territorialidade dos grafiteiros na cidade do Rio de Janeiro. Niterói: Dissertação (mestrado em geografia) Universidade Federal Fluminense, 2010;

TARTAGLIA, Leandro R. S. **Geograffitis:** uma leitura geográfica dos graffitis cariocas. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983;